

Geração de vagas surpreende em março, mas trimestre reforça arrefecimento

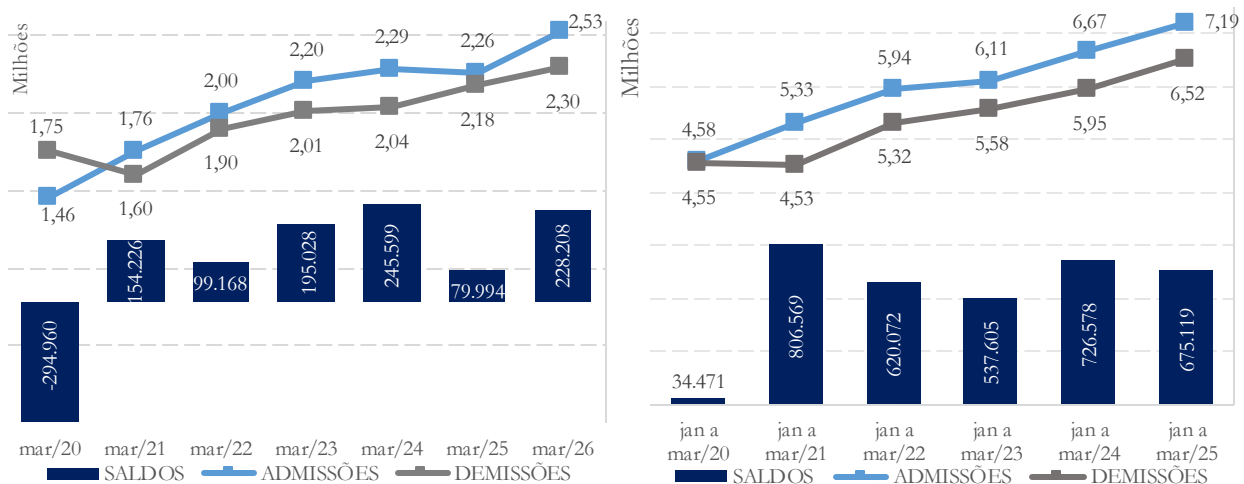
Janaina Feijó¹ e Helena Zahar²

Em mar/26, o saldo formal de 228.028 postos surpreendeu as projeções devido ao efeito de calendário, mas o trimestre acumulou queda de 9,1% ante 2025. Indústria (-26,2%), Agropecuária (-72,0%) e Comércio (-149,2%) sofreram fortes quedas.

Nesta edição, analisa-se o desempenho do mercado de trabalho formal em março de 2026 com base nos dados do Novo CAGED. O mês registrou a criação líquida de 228.208 postos de trabalho, resultado de 2.526.660 admissões e 2.298.452 desligamentos. Esse desempenho superou expressivamente as expectativas do mercado, cuja mediana projetava 155 mil vagas, rompendo inclusive o teto das estimativas (220 mil). O saldo é 185,3% superior ao registrado em março de 2025 (79.994 vagas). Contudo, cabe ressaltar que esse salto decorre, em grande medida, de um efeito de calendário: enquanto em 2025 o feriado ocorreu em março, em 2026 ele foi celebrado em fevereiro. A fragilidade subjacente do mercado de trabalho fica evidente ao compararmos o resultado atual com março de 2024 (245.599 vagas), mês que compartilhou a mesma sazonalidade de dias úteis e, ainda assim, apresentou uma geração de vagas 7,1% superior à atual.

No acumulado do primeiro trimestre de 2026, o saldo totalizou 613.373 postos formais, provenientes de 7.183.013 admissões e 6.569.640 desligamentos. O resultado representa um recuo de 9,1% em relação ao acumulado de janeiro e março de 2025 (675.119 vagas) e uma retração de 15,6% frente ao mesmo período de 2024 (726.578 vagas).

Gráfico 1 - Admissões, demissões e saldos. Saldo mensal –2020 a 2026 – Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com base nos microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes declarados até março de 2026.

Sob a perspectiva setorial, conforme detalhado na Tabela 1, o saldo isolado de março de 2026 apresentou resultados positivos na maioria dos grandes grupamentos, com o setor de Serviços liderando a geração de empregos (152.391 vagas), seguido por Construção (38.316) e Indústria (28.336). O Comércio também registrou saldo positivo (27.267), revertendo o déficit observado no mesmo mês do ano anterior. A única exceção foi a Agropecuária, que aprofundou seu saldo negativo para -18.096 vagas.

¹ Doutora em Economia e pesquisadora FGV IBRE.

² Doutoranda em Economia e bolsista pesquisadora do FGV IBRE.

No acumulado do ano, cenário que permite analisar a tendência real isolando as distorções atípicas de calendário, a trajetória de desaceleração do emprego formal torna-se evidente. O setor de Serviços e a Construção Civil atuaram como importantes pontos de resistência, sendo os únicos a registrar crescimento na geração de vagas frente ao mesmo período de 2025 (altas de 2,6% e 18,8%, respectivamente). Em contrapartida, a Indústria encolheu 26,2% e a Agropecuária sofreu uma retração expressiva de 72,0%, registrando o seu pior saldo para um primeiro trimestre desde 2021. O Comércio, por sua vez, aprofundou seu déficit, passando de -7.835 postos nos três primeiros meses de 2025 para -19.525 em 2026, o que representa uma piora de 149,2%.

Tabela 1 - Saldo de março – por setor de atividade. Brasil.

Período	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços
Mensal						
mar/21	154.226	3.357	37.195	24.371	6.818	82.485
mar/22	99.168	-18.824	5.388	18.924	-8.744	102.424
mar/23	195.028	-1.436	21.164	32.522	19.035	123.740
mar/24	245.599	-5.898	35.954	28.246	38.681	148.607
mar/25	79.994	-4.979	13.794	22.154	-7.877	56.907
mar/26	228.208	-18.096	28.336	38.316	27.267	152.391
Variação abs 25-26	148.214	-13.117	14.542	16.162	35.144	95.484
Variação % 25-26	185,3%	-263,4%	105,4%	73,0%	446,2%	167,8%
Acumulado						
jan a mar/21	806.569	64.704	221.760	114.372	84.821	320.912
jan a mar/22	620.072	24.679	102.256	95.835	-59.318	456.621
jan a mar/23	537.605	39.432	96.256	94.101	-30.176	337.985
jan a mar/24	726.578	20.268	156.178	110.101	19.015	421.009
jan a mar/25	675.119	52.594	156.165	101.455	-7.835	372.749
jan a mar/26	613.373	14.752	115.310	120.547	-19.525	382.299
Variação abs 25-26	-61.746	-37.842	-40.855	19.092	-11.690	9.550
Variação % 25-26	-9,1%	-72,0%	-26,2%	18,8%	-149,2%	2,6%

Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até março/2026. O total inclui os não identificados.

Para compreender de forma mais granular as fontes dessa desaceleração trimestral, a Tabela 2 apresenta as dez seções de atividade econômica com as maiores reduções percentuais no saldo de empregos. O Comércio e Reparação de Veículos Automotores lidera o *ranking* de piora relativa, com um recuo de 149,2% e o aprofundamento de seu déficit no período. Outro destaque negativo ocorreu nas Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados, cujo ritmo de contratações foi quase anulado ao registrar uma queda de 96,6%, passando de 4.535 vagas em 2025 para apenas 155 em 2026. A seção de Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura também apresentou uma contração de 72,0%, o que reflete uma redução de quase 38 mil postos gerados na comparação interanual.

Destaca-se também o impacto substancial nas Indústrias de Transformação. Embora essa seção ainda seja responsável por um volume absoluto expressivo de vagas, ficando atrás apenas da Construção (120.547 postos), o seu saldo encolheu 27,5%, caindo de 146.492 para 106.279 contratações líquidas. Esse recuo resultou em uma perda de participação no saldo total da economia, que passou de 21,7% para 17,3%. Além disso, atividades mais dependentes do orçamento das famílias e do setor público, como Administração Pública (-23,7%), Artes, Cultura, Esporte e Recreação (-22,0%) e Educação (-17,1%), também apresentaram desaceleração. Esses dados evidenciam que, mesmo com a resiliência do agregado de Serviços e da Construção, a retração na geração de empregos formais tem atingido de forma disseminada segmentos relevantes da economia.

Em paralelo à dinâmica setorial, cabe analisar o desempenho do trabalho intermitente no mercado brasileiro. Introduzida pela Reforma Trabalhista de 2017, essa modalidade oferece uma alternativa flexível para atender a demandas sazonais e acomodar novas formas de ocupação. Nesse modelo, a prestação de serviços ocorre sob

convocação, garantindo remuneração e direitos trabalhistas proporcionais ao período efetivamente trabalhado. Em um contexto de maior fragmentação das jornadas, esse formato tem conferido segurança jurídica para a necessidade de vínculos formais mais adaptáveis.

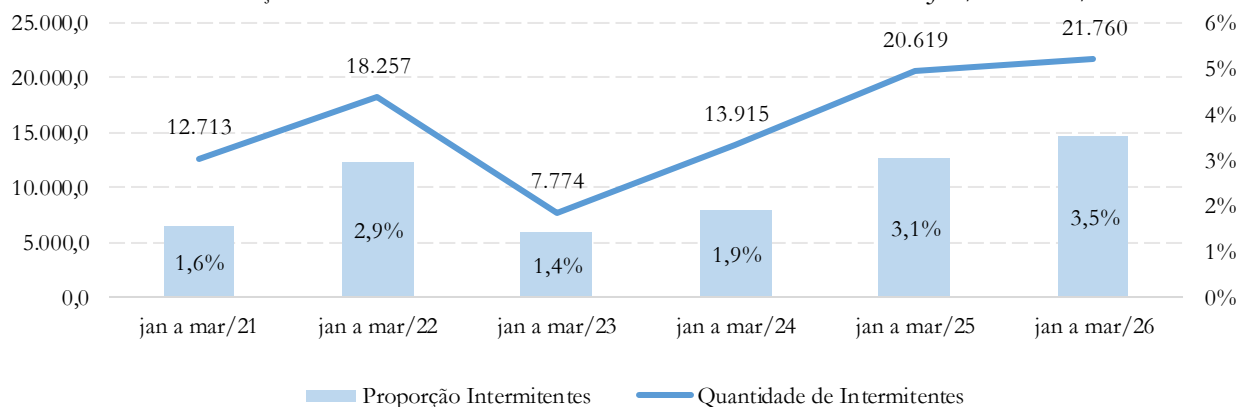
Tabela 2 – Top 10 atividades com maior redução percentual do saldo entre 1º trimestre de 2025 e 2026. Brasil

Descrição	Saldo 1º Trimestre 25		Saldo 1º Trimestre 26		Variação 25-26
	Qtde	Participação	Qtde	Participação	
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e	-7.835	-1,2%	-19.525	-3,2%	-149,2%
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	4.535	0,7%	155	0,0%	-96,6%
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	52.594	7,8%	14.752	2,4%	-72,0%
Atividades Imobiliárias	3.364	0,5%	2.283	0,4%	-32,1%
Indústrias de Transformação	146.492	21,7%	106.279	17,3%	-27,5%
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descont.	5.834	0,9%	4.368	0,7%	-25,1%
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	31.841	4,7%	24.297	4,0%	-23,7%
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	10.081	1,5%	7.864	1,3%	-22,0%
Informação e Comunicação	6.236	0,9%	4.934	0,8%	-20,9%
Educação	91.536	13,6%	75.884	12,4%	-17,1%
Subtotal(10+)	344.678	51,1%	221.291	36,1%	-35,8%
Total no Brasil	675.119	100,0%	613.373	100,0%	-9,1%

Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até março/2026. O total inclui os não identificados.

O Gráfico 2 ilustra a evolução desse tipo de contratação no Brasil, apresentando o saldo acumulado no primeiro trimestre entre janeiro de 2022 e março de 2026: a linha azul representa o saldo absoluto, enquanto as barras indicam sua participação percentual no total de empregos formais. O primeiro trimestre de 2026 registrou a criação de 21.760 vagas, um crescimento de 5,5% em relação ao mesmo período de 2025 e o maior saldo absoluto da série histórica para o trimestre. A participação dessa modalidade no saldo total de contratações alcançou 3,5%, o que representa o patamar mais elevado desde 2020. Observa-se, portanto, uma trajetória de crescimento consistente na relevância da modalidade após o recuo verificado em 2023.

Gráfico 2 – Evolução do saldo acumulado no 1º trimestre dos intermitentes. Jan/22 a mar/26 - Brasil.



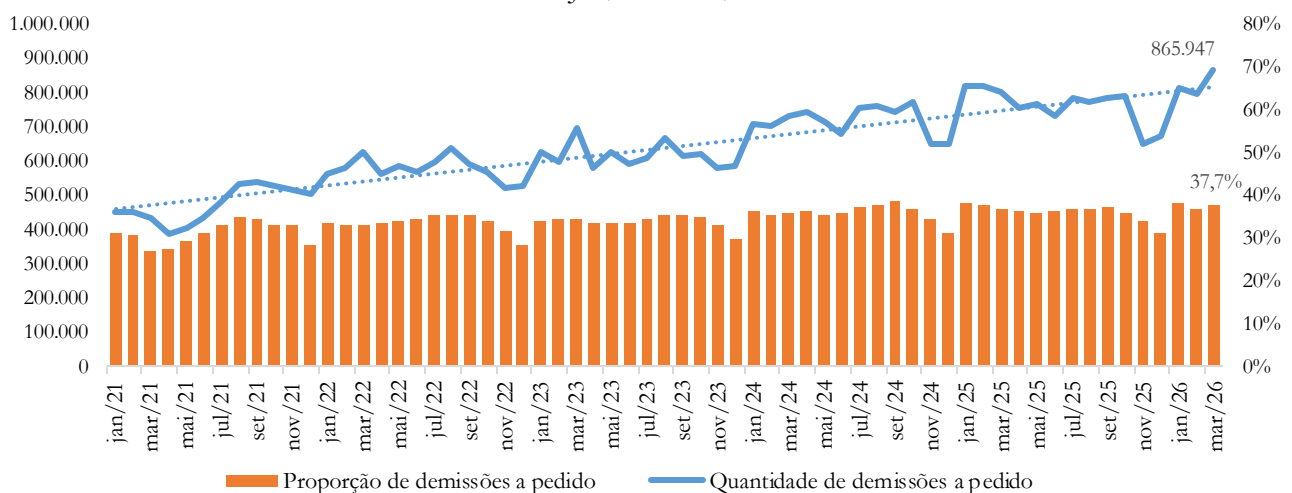
Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até março/2026.

Outro termômetro importante da percepção dos trabalhadores são as demissões a pedido. Em geral, esse indicador é interpretado como uma *proxy* do grau de aquecimento do mercado de trabalho, pois tende a refletir uma maior confiança na possibilidade de transição para ocupações mais atrativas. O Gráfico 3 apresenta a evolução mensal

dessas saídas voluntárias entre janeiro de 2021 e março de 2026, bem como a sua participação no total de desligamentos.

Após dois meses de recuo nessas métricas, um movimento que se mostrava consistente com a desaceleração da economia, março de 2026 registrou um novo recorde histórico para a modalidade. Foram contabilizados 865.947 desligamentos a pedido, o que representa um aumento de 8,3% em relação ao mesmo mês de 2025 (799.432 postos). Na mesma base de comparação, a participação dessas demissões no total de desligamentos subiu de 36,6% para 37,7%. Contudo, ao observar o acumulado do primeiro trimestre, o volume de 2.472.965 saídas voluntárias representa um crescimento de apenas 1,4% frente ao mesmo período do ano anterior. Esse avanço marginal indica que a alta de março apenas contrabalançou o recuo dos meses anteriores, sugerindo uma estabilização da mobilidade voluntária em vez de um novo ciclo de alta.

Gráfico 3 – Evolução das Demissões a Pedido e Participação das Demissões a Pedido no Total de Demissões. Jan/21 a Mar/26 - Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até março/2026.

Por fim, a Tabela 3 evidencia a expressiva heterogeneidade regional do impacto da desaceleração no primeiro trimestre. O Nordeste destacou-se como a única localidade a registrar crescimento no saldo total de empregos (alta de 27,3%), impulsionado pelo excelente desempenho da Construção (+76,9%) e pela resiliência do setor de Serviços (+9,9%). Em contraste, as regiões Norte (-30,7%) e Sul (-16,2%) sofreram as retrações mais severas. No Sul, o recuo foi puxado pela piora aguda no Comércio, cujo saldo reverteu de 8.627 postos para um déficit de 804 vagas (variação de -109,3%), e pela contração da Indústria (-24,2%), que reduziu sua geração em 17.926 postos. No Norte, a piora foi liderada pelo Comércio, com uma perda de 4.306 postos gerados (-99,3%).

Já no Sudeste, que concentra o maior volume absoluto de vagas do país, o saldo geral caiu 6,8%. Esse recuo foi amortecido pelo bom desempenho dos Serviços (+12,9%), mas acabou impactado por uma queda na geração de vagas da Agropecuária (-93,2%), cujo saldo passou de 31.285 para apenas 2.114 vagas, aliada ao recuo nas contratações da Indústria (-27,6%), com perda de 21.469 vagas. Por sua vez, o Centro-Oeste encerrou o trimestre com uma retração de 9,8% no saldo total, refletindo recuos mais acentuados na Agropecuária (-25,3%) e nos Serviços (-15,7%).

Em síntese, embora março tenha registrado uma criação expressiva de 228.208 postos de trabalho e superado o teto das expectativas do mercado, esse resultado isolado reflete majoritariamente o efeito de calendário gerado pelo feriado de Carnaval.

Tabela 3 - Saldo por setor e região - 1º trimestre de 2025 e de 2026. Brasil

Setor	Saldo	NO	NE	SE	SU	CO
Agropecuária	1º Tri 25	730	-10.385	31.285	12.674	18.175
	1º Tri 26	319	-14.012	2.114	12.768	13.580
	Var % 25-26	-56,3%	-34,9%	-93,2%	0,7%	-25,3%
Indústria	1º Tri 25	6.917	-14.030	77.860	74.005	11.411
	1º Tri 26	4.483	-14.884	56.391	56.079	13.225
	Var % 25-26	-35,2%	-6,1%	-27,6%	-24,2%	15,9%
Construção	1º Tri 25	2.074	14.723	51.476	19.493	13.518
	1º Tri 26	2.088	26.039	55.296	22.112	15.060
	Var % 25-26	0,7%	76,9%	7,4%	13,4%	11,4%
Comércio	1º Tri 25	4.337	-6.778	-19.407	8.627	5.383
	1º Tri 26	31	-8.474	-15.362	-804	4.914
	Var % 25-26	-99,3%	-25,0%	20,8%	-109,3%	-8,7%
Serviços	1º Tri 25	18.241	55.477	168.479	79.425	51.122
	1º Tri 26	15.477	60.964	190.163	72.555	43.081
	Var % 25-26	-15,2%	9,9%	12,9%	-8,6%	-15,7%
Total	1º Tri 25	32.299	39.000	309.691	194.224	99.609
	1º Tri 26	22.397	49.630	288.598	162.708	89.860
	Var % 25-26	-30,7%	27,3%	-6,8%	-16,2%	-9,8%

Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até março/2026. O total inclui os não identificados.

O acumulado do primeiro trimestre de 2026, no entanto, corrobora o arrefecimento do mercado formal, com um saldo de 613.373 vagas, o que representa recuos de 9,1% frente a 2025 e de 15,6% em relação a 2024. Adicionalmente, ainda que as demissões a pedido tenham atingido um novo recorde mensal de 865.947 desligamentos, o indicador apresentou um crescimento trimestral marginal de apenas 1,4%, sinalizando a estabilização da mobilidade voluntária dos trabalhadores.

Setorialmente, a perda de dinamismo foi severa na Indústria (-26,2%), na Agropecuária (-72,0%) e no Comércio (-149,2%), que aprofundou o seu déficit para 19.525 vagas negativas. Em contrapartida, os grupamentos de Serviços (+2,6%) e Construção Civil (+18,8%) mantiveram trajetória de expansão. O reflexo dessa dinâmica foi especialmente visível no Nordeste, a única região a registrar crescimento no trimestre (alta de 27,3%), fortemente ancorada no avanço local de 76,9% da Construção Civil. De forma geral, o conjunto dos indicadores sugere um mercado de trabalho resiliente, mas em trajetória de acomodação, reforçando o arrefecimento observado desde a segunda metade de 2025.